

# Crônica feminina

30 julho 81

nº 1288

P. 10-11 e 13

Fundação Cuidar o Futuro

HLP

conta a sua história



**MARIA DE LOURDES PINTASILGO**

**PRIMEIRA MINISTRA**

Fundação Cuidar o Futuro

**CRÓNICA**  
*feminina*

LEIA NESTE NÚMERO:

MARIA DE LOURDES  
PINTASSILGO  
AO NATURAL

Fundação Cuidar o Futuro

BARNARD NÃO FOI O GÊNIO DAS  
TRANSPLANTAÇÕES

KADU MOLITERNO GOSTARIA DE SE  
CORRESPONDER COM PORTUGUESAS



PORTE  
PAGO



**A** par de tantas outras mulheres que ficaram na história de Portugal, Maria de Lurdes Pintasilgo será mais uma.

Reside nela a plena consciência de saber ser mulher. Não é só o sorriso franco que nos oferece, mas a certeza firme das suas convicções analisadas e concluídas.

Maria de Lurdes Pintasilgo foi algo de terno e de fraternal que passou — sem o usar — pelo «PODER» tão disputado, controverso e discutível... Ser mulher, neste mundo conturbado em que vivemos, não é «tarefa fácil». Ser mulher tem sido para si, em todas as circunstâncias da sua vida saber cumprir objectivos.

Maria de Lurdes Pintasilgo falou à «Crónica».

## MARIA DE LURDES

CONTA (EM EXCLUSIVO) A SUA

vida foi uma história de muito estudo e muito trabalho. Para poder continuar a estudar depois do liceu, dei explicações. Até acabar o curso. Tive bolsa de estudo. A minha classificação permitia-o. Conciliava os tempos. Interessei-me pelo teatro, pela poesia, e por outras experiências muito úteis para a minha vida. Todavia nessa altura eu já tinha a noção de que uma grande percentagem de mulheres não tinha acesso à educação básica. E isso preocupava-me, sabe? Foi essa cons-

ciência que me estimulou a fazer o curso. Nessa época era difícil às mulheres fazerem carreira superior. Decidi-me por engenharia química. Era um desafio. As minhas professoras faziam-me objecto das suas críticas: «...Mas é impossível...» «...uma mulher não vai conseguir...» «Isso é muito árduo, tu gostas tanto de poesia...» «Vai ser um fracasso...». Mas eu sentia que a engenharia era a maneira de me aproximar dos operários e das operárias. Era esse o meu principal objectivo. Ao acabar o curso trabalhei um ano na Comissão de Energia Nuclear. As mulheres não operárias, não tinham acesso ao meio fabril. Um ano depois a Administração da então CUF, considerou que poderia fazer essa experiência. E em 1954, fui a primeira mulher engenheira na Quimigal.

— Foi então uma experiência piloto?

— Sim. Aos vinte e quatro anos encontrei-me naquela imensidade que são as fábricas do Barreiro, e no meio operário como desejara. A minha vida preencheu-se com o tra-

## ES PINTASILGO

A HISTÓRIA ÀS LEITORAS DA «CRÓNICA»

### Trabalho de MARIA LEONOR

balho fabril. Às oito horas tocava a sirene pela segunda vez. Fechavam-se os portões e todos os trabalhadores tinham de estar dentro da fábrica: operários e engenheiros. O horário era de oito horas. Não havia semana inglesa. Trabalhávamos seis dias em cada semana.

— Em que sector trabalhava?

— Fazia parte do Departamento de Estudos e Projectos. Por vezes continuava-se para

— Em que sector trabalhava?

— Fazia parte do Departamento de Estudos e Projectos. Por vezes continuava-se para além do horário normal. O ritmo da fábrica e o cheiro dos seus produtos químicos era...

em certos dias — intensíssimo. Pairavam sobre a fábrica, trazidos por um barulho constante. Soando-se por vezes a sirene e talvez também por isso vivíamos num ambiente de óptima solidariedade que eu ainda hoje experimento quando encontro pessoas que nessa altura foram operários no Barreiro. E é muito agradável. Costumo dizer: «fizemos juntos a mesma tamba...». Ser mulher nessa situação, foi uma certa surpresa. Quando nós os engenheiros dávamos volta pela fábrica, os operários manifestavam uma certa admiração ao ver «aquela rapariga de cabelo apanhado em rabo de cavalo». E normalmente faziam o que os homens — de um modo geral — ainda fazem: paravam... olhavam... assobiavam...

— Qual era depois a reacção ao aperceberem-se que era engenheira?

— Surpreendiam-se. Depois a relação foi excelente. Estive particularmente muito ligada à formação de aprendizes. Durante quatro meses participei em actividades extra, com os operários. Designadamente sessões sobre as condições de trabalho e sobre a ética do trabalho industrial. Nessa altura os

rapazes aceitavam mal uma mulher a exercer funções de chefia. Afinal acabaram por mostrar-me uma atitude de grande abertura e isso foi sinónimo de muita, muita coisa... Da parte dos meus colegas havia um certo espanto. Mas também havia uma sã camaradagem. Curiosamente o Jorge de Meio (dono da empresa) ouvia sempre as minhas exposições. Nem sempre estava de acordo. Comentava no final: «Você é uma socialista de direita...».

— Foi-lhe muito difícil integrar-se no trabalho fabril de investigação?

— Não tive dificuldades especiais nesse trabalho. Todavia a vida industrial sujeita às Leis da Economia é extremamente pesada e difícil. Lembro-me de ter tentado introduzir outras formas mais suaves de trabalho especialmente do complexo de trabalho da indústria têxtil onde trabalhavam três mil mulheres.

— Introduzir outras formas, porquê?

— Porque o barulho dos teares era ensurdecador. As operárias, já na rua, falando umas com as outras, gritavam como se



Arquivo de Documentação da Fundação Cuidar da Cultura

Centro de Documentação da Fundação Cuidar da Cultura

Fundação Cuidar da Cultura

Documentação e de Publicação  
O Futuro

# MARIA DE LURDES PINTASILGO

## CONTA A SUA HISTÓRIA



anda estivessem debaixo do barulho no local de trabalho... As condições eram francamente más. Havia no ar um pó que nos invadia. Respirávamos pó. Era como se nos sentíssemos comidos por esse pó dos têxteis. Quantas vezes discuti com os administradores da empresa sobre essas condições de trabalho... Eu própria me interrogava como era possível...

— **Trabalhar lá?**

— Não. Mas em que condições aquelas mulheres poderiam reservar energias para, de volta a casa preparar tudo o que constitui o trabalho de uma dona de casa?

— **E então?**

— Consegui. Mas esta análise aproximou-me ainda mais das dificuldades das mulheres que trabalham profissionalmente, além do trabalho da casa.

— **Não há remuneração para a dona de casa!?**...

— Mas é importante dar-se valor a esse trabalho. A mulher chamada «forética» tem necessidade de que alguém lhe dê mais atenção.

— **Foi a primeira mulher em que actividades?**

— Embaixatriz, Primeiro Ministro, Engenheira na Quimigal, Presidente Internacional do Movimento «Pax Romana».

— **Dificuldades?**

— Só como curiosidade, o facto de que quando aprovada por aclamação como Presidente do «Pax Romana» o bispo, assistente eclesiástico, ficou um tanto embaraçado... Uma mulher naquele cargo era a primeira vez. Assim interrompeu-se a sessão e ele próprio telefonou ao Papa, a saber se era possível. Foi possível...

— **Tem sido para si como o tal «ponto de cruz»?**

— Não (e sorri). Orientam-me dois aspectos norteadores da minha actividade: primeiro é que para que as mulheres se possam impor há que manifestar uma certa qualidade de trabalho comparável ao que os homens são capazes de produzir. Isso exige muito de

nós. É preciso que a mulher tenha capacidade de resposta. Mostrar igualdade com o melhor e não com o denominador comum ou menos bom... Em segundo lugar — o outro princípio — ser fiel àquilo que eu própria sou quanto mulher. Se em determinado momento há uma forma de realizar um trabalho ou de o organizar, ou o de lidar com as outras pessoas, ou de exprimir opiniões que vão ao arrepio daquilo que é tradicional, faço-o com a certeza de que não estou sozinha e de que as mulheres têm de se inovar constantemente. É necessário fazer coisas que não sejam convencionais. Estamos todas a entrar na vida pública por formas muito variadas. Qualquer que seja o nosso tipo de vida, temos um comum facto de sermos mulheres. Esta aprendizagem se forma sincera, quer mulheres operárias, da classe média, universitárias, funcionárias, traz um certo número de realidades pelas quais todas nós passamos. Penso que nessa certeza deve residir muita da nossa força e da nossa intenção de nos ajudarmos umas às outras.

Agora vai uma certa confissão minha: **não escondo que apesar de ter sentido sempre muito esta solidariedade para com todas as mulheres ao longo da minha vida, foi para mim muito difícil** — no período que estive no 5.º Governo e nos meses que se lhe seguiram — **verificar que certa propaganda partidária «daria uma fotografia» deliberadamente deformada daquilo que eu sou, do que pretendo e das ideias que tenho.** Esse facto viria afinal a cavar um fosso entre muitas mulheres e eu. E aí não tive possibilidade de dizer: «Não sou assim! Sou doutra maneira».

**No próximo número: O dia-a-dia de Maria de Lurdes Pintasilgo.**